

Sueli Costa



Por **ANDRÉ RICARDO DIAS***

Comentário sobre a trajetória da compositora, recém-falecida

Alguém que compôs “Coração Ateu”, “Jura Secreta”, “Face a Face”, “20 anos blue”, só pode ter um céu para si. Foi o que pensei, quando soube da morte de Sueli Costa. Por isso, escrevo algumas linhas sobre a compositora tão cara à memória recente da música brasileira.

As vozes que ouvíamos interpretar as canções da MPB, num período de hegemonia da televisão e do rádio, carregavam melodias que embalsamaram a vida no Brasil transcorrida na frente das TVs, exibindo novelas e suas trilhas sonoras. Dessa forma, a nossa estética audiovisual foi carregada pelas palavras e canções que falavam do amor e seus impasses, pura e simplesmente.

Sueli Costa, compositora, melodista e musicista, faz parte desse rol de músicos que, a partir dos anos 1970, compuseram, melodiaram e cantaram letras que tratam de afetos ligados a um romantismo bastante particular, mais próximo do grande público. Músicas que, de certo modo, abriam espaço em meio ao domínio do samba e da bossa nova, ao tempo em que, carregando essas bases, abarcaram as referências do *pop* no final dos anos 1960. São músicas que conseguem ecoar desde as baladas de amor da música francesa e italiana dos anos 50 e 60, à gêneros do jazz, isto, enquanto mantêm forte laço com a poesia moderna. Em tempo: veja-se a própria Sueli Costa ao piano interpretando “20 anos blue”. Impossível não pensar de imediato em nomes como Nina Simone e Ella Fitzgerald.

De Cacaso à Antônio Cícero, podem ser poucos os compositores que se assumem poetas, ocupando de modo eletivo essa cadeira dentre a produção literária. Entretanto, podemos nós, leitores e ouvintes, reivindicar a posição de poeta para compositores como Fausto Nilo, Sueli Costa, Abel Silva, Paulo César Pinheiro, Tite Lemos – estes, parceiros de Sueli Costa em vários de seus trabalhos – e tantos outros.

Apenas para pincelar o argumento, vejamos as composições da artista, tais como “Coração Ateu”. Com sua escrita dura, de versos de difícil manejo, embalados por uma melodia triste, porém acolhedora, carrega, ainda, a forma que se vez padrão destas composições. Em “Codicilheira”, parceria com Paulo César Pinheiro, encontramos estes versos: “Eu quero ler o coração dos comandantes, condenando os seus soldados pela orgia dos farsantes (...) Eu quero ler na sagração dos estandartes, uma frase escrita a fogo pelo punho de deus Marte”. Certa herança simbolista cravada na escrita da poesia moderna.

Em “Face a face”, composta com Cacaso, as palavras se digladiam pela voz do narrador-personagem. Este, encontrado em pleno embate com seus pequenos destinos e “trapaças da sorte”, o que se faz em um desafio métrico pelo tom de uma melodia precisa. Um romântico em fuga “girando feito piorra, até que a mágoa escorra – até que a raiva desate”.

São versos nem sempre simples, mas que foram ouvidos com a simplicidade direta e certa do cancionista que maneja e

entende bem os afetos e os sentimentos do nosso povo. Em “Cão sem dono”, poderíamos ouvir as vozes de Máisa ou Dolores Duran cantando os lamentos resignados dos seus versos:

É nas noites que eu passo sem sono
Entre o copo, a vitrola e a fumaça
Que ergo a torre do meu abandono
E que caio em desgraça
(...)
Solidão é o carrasco sombrio
E a saudade a vergasta
Se eu cantar a alegria sai falsa
Se eu calar a tristeza começa”

Ao fim, a personagem prefere a dança, se ergue, se ajeita, vai, mas se cala. Versos certos para um imaginário do povo brasileiro.

O mercado fonográfico e a mídia difundiram tal gênero da MPB como música romântica, como dizia-se em décadas passadas. Um gênero que ganha essa pecha muito mais pela musicalidade de suas melodias e o estilo de suas intérpretes no país das cantoras, como se dizia. Hoje, nos permitimos leituras e audições mais austeras. O amor pode até ter ido para outro lugar. O que não significa que tais versos tenham perdido qualquer sentido, pois são lembrados e reproduzidos entre o público atravessando as últimas gerações. Talvez, apenas nomeamos de outras formas (ou evitamos simbolizar?) aquele conteúdo afetivo das composições.

A partida de Sueli Costa também evoca o esquecimento e a negligência para com o compositor de música popular brasileira, um verdadeiro problema nacional. Num país que gosta de partidas e tem uma relação esquisita com a vida, a trajetória de Sueli Costa bem que poderia, agora, ganhar o destaque que não teve. Se dermos crédito a um dito popular, talvez, isto tenha se dado porque o auge de sua carreira aconteceu numa época em que, dizia Tom Jobim, o país não perdoava quem fazia sucesso.

**André Ricardo Dias é professor de filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão PE).*

O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[Clique aqui e veja como](#)